

Vilém Flusser, um migrante plurilíngue

Rafael Alonso¹

Universidade Federal de Santa Catarina

4

Resumo:

Jacques Derrida assinala que não tenho mais do que uma língua, e essa língua nunca é a minha. Com esse postulado aparentemente simples, ele recusa a categoria do próprio e, em especial, a ideia da “língua materna”. Apoiado nisso, o ensaio expõe a teoria da tradução de Vilém Flusser, que na condição de migrante plurilíngue, levou ao extremo a assunção derridiana e usou a retradução como principal método de trabalho.

Palavras-chave: Flusser; Derrida; tradução; língua.

Abstract:

Jacques Derrida notes that I have no more than one language, and that language is never the mine. With this seemingly simple postulate, he refuses the category of own and, in particular, the idea of “mother tongue”. Based on that, the essay expounds the translation theory of Vilém Flusser, who in the condition of plurilingual migrant took to the extreme the Derrida’s assumption and used the retranslation as the main method of work.

Keywords: Flusser; Derrida; translation; language.

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: rafamalonso@gmail.com

Derrida monolíngue

No ensaio/conferência *El monolingüismodel outro, o laprótesis de origen*(1996), Jacques Derrida nega veementemente a possibilidade de falarmos em termos, ou em nome de, uma “língua materna”. O locus do qual parte Derrida contribui, em grande medida, para reforçar a enfática asseveração: a de argelino-magrebe. Ao longo do século XX, conta o filósofo, não foram raros os momentos em que os nascidos nessa região da África viram-se sem chão, fosse pela exclusão sumária da cidadania francesa, fosse pela impossibilidade pedagógica-escolar-colonialista de poder aprender os idiomas locais: o árabe e o berbere. Essas rupturas motivadas por ações de Estado fizeram com que Derrida, desde a tenra idade, não se sentisse africano, mas tampouco se sentisse francês.

5

Não ter uma “língua materna” significa, também e em complemento, não ter língua nenhuma. Não ter língua não quer dizer inaptidão de expressão, mas incapacidade de usar pronomes possessivos quando se fala em língua: “minha” língua. É o que permite a Derrida repetir constantemente ao longo do ensaio a frase que se transforma quase que numa máxima: não tenho mais que uma língua, mas essa língua nunca é a minha. Sabe-se o quanto o filósofo combateu, em praticamente todos os seus trabalhos, a existência de uma origem fundadora e de um centro organizador. Neste sentido, não se pode falar, a partir de Derrida, em língua de origem, mas apenas em língua, ou melhor, em inúmeras línguas de chegada. Ainda assim, melhor do que falar em várias línguas de chegada seria falar em fluxo linguístico, posto que essas línguas não chegam, de fato, a lugar algum. “[...] lenguas que – singular aventura – no logranlograrse, habidacuenta de que ya no saben de donde parten, a partir de quéhablan y cuálesel sentido de sutrayecto. Lenguassin itinerário, y sobre todo sin autopista de no sé quéinformación” (DERRIDA, 1997, s/p).

A própria origem da linguagem é misteriosa. Em razão disso, filósofos como Derrida abdicaram da procura por esse começo inaugural. Na *Gramatologia*(1967), ele advogou em nome da inépcia de uma investigação que procuraria identificar anterioridades entre escrita e fala, optando pelo termo escritura. Para Derrida, a linguagem escrita não é a mera anotação de efeitos sonoros. Deste modo, afirmar

que o francês, por exemplo, é uma língua materna significaria ignorar todo esse processo que envolve a formação da linguagem e das línguas, afinal de contas, quantas não são as línguas que compõe o que hoje se chama de francês? Como teria se dado o processo de desmembramento dessa língua imemorial até que, nos dias atuais, em determinados territórios do mundo, se pudesse afirmar com segurança que se fala francês? Além do mais, uma língua também não é estanque e recebe a influência constante de outras línguas. A conversação filosófica não deixa de ser a expansão da língua.

6

Negar a posseção de uma língua materna implica rechaçar a pertença a uma pátria, ou ainda, romper com a ideia de pátria. Nunca é demais lembrar que o imbricamento teórico derridiano inclui e torna praticamente inseparável as relações entre língua, pátria e hospitalidade². Isso que se convencionou chamar de “patriotismo” nada mais é do que um apelo a “amar” cegamente uma língua, um território e um sangue – três aspectos que, segundo as bandeiras levantadas por governos fascistas, caracterizam a originalidade de um “povo”. Aliás, não é sem razão que as cartilhas dos regimes de exceção sublinham os aspectos do “próprio” e do “original”. O cidadão-exemplar deve apresentar características físicas específicas e falar a língua eleita como a primordial. É importante destacar, assim, que o desenraizamento assinalado por Derrida a partir da própria experiência não se restringe à língua, mas visa colocar abaixo todo indício de pertencimento.

Flusser apátrida

Bodenlos. Palavra alemã que significa “sem chão”, “sem fundamento”. Palavra escolhida para intitular a “autobiografia filosófica” de Vilém Flusser (1920-1991), publicada apenas postumamente, inicialmente em alemão, em 1992, mas escrita possivelmente na década de 1970. Palavra que descreve com coerência a vida e o trabalho teórico deste filósofo, contemporâneo de Derrida, e que nas décadas de 1960 e 1970 publicou inúmeros ensaios sobre os temas da migração, da língua e da tradução.

Flusser nasceu na República Tcheca, mas, com o estabelecimento das forças nazistas durante a Segunda Guerra, viu-se obrigado a

² Da *Hospitalidade*/Jacques Derrida [Entrevistado], 2003. Ver ref. na bibliografia.

abandonar o país. Sua família foi dizimada. Ele conseguiu se salvar graças ao apoio da família de sua esposa, Edith, com quem veio a se casar no Brasil. Flusser desembarcou no Rio de Janeiro, em 1939. E por sorte. No caminho de volta, o navio que o trouxe à América do Sul foi afundado pelos alemães. No ano seguinte, mudou-se para São Paulo, onde permaneceu por mais de trinta anos. Retornou à Europa em 1972. À Praga, “cidade natal”, somente em 1991, e para morrer. Depois de proferir uma conferência, Flusser regressava à França quando um caminhão atingiu de frente o carro em que trafegava com Edith. Ele morre. Edith sobrevive.

7

Na última palestra de sua vida, Flusser repetiu o mesmo costume: articulou-se em várias línguas, a ponto de ser alertado pela própria companheira, em dado momento da explanação, de que estava falando em português. Na esteira de Derrida, Flusser teve, já na juventude, os laços cortados com todas as ideias essencialistas mencionadas: língua materna, pátria, terra natal, cidadania, família, amigos etc. Tal falta de fundamento norteou a produção flusseriana e a filosofia da linguagem que veio a desenvolver. Falta de fundamento que, ao mesmo tempo em que suscitou horror, abriu um imenso campo de liberdade: “[...] (o patriotismo) santifica as ligações humanas impostas e, conseqüentemente, despreza essas ligações livres; coloca o parentesco familiar acima das afinidades eletivas e do amor. Fui tomado por uma vertigem de liberdade: eu era livre para escolher os meus próximos (Nächsten)” (FLUSSER, 2007, p. 228)³.

Flusser nunca escondeu o desespero que toma conta de quem vê seus laços familiares e espaciais (“cidade natal”) cortados subitamente. Sua esposa Edith, hoje também falecida, conta que, nos primeiros anos em que viveram no Brasil, acompanhava o marido até o trabalho com medo de que ele desviasse da rota e cometesse suicídio. No entanto, a condição de *bodenlos* representava, acima de tudo, uma oportunidade. Quem perdeu o hábito de considerar como próprios um país, uma cidade e uma língua pode habituar-se, sem tanta resistência, a outros países, cidades e línguas. O migrante acaba por ser o protagonista de um

³ Em *A história do diabo*, 1965, Flusser alerta para a relação de afinidade entre os nacionalismos e a “língua materna”. Já no texto “Entre apátridas e patriotas”, publicado postumamente no jornal *O Estado de São Paulo*, Flusser assinala que o patriota confunde a morada com a pátria, o hábito com o mistério.

duplo movimento desenraizador: desestabiliza as próprias convicções ao mesmo tempo em que expõe que as convicções do nativo não são próprias⁴. No artigo sugestivamente intitulado *Exílio e Criatividade*, Flusser descreve a condição de exilado aproveitando-se de um conceito fundamental na filosofia de Martin Heidegger: “Tudo passa a ser percebido e demonstrável: ‘monstruoso’. Os gregos chamavam tal descoberta pelo termo ‘a-letheia’, o qual traduzimos por ‘verdade’. O exilado foi empurrado rumo a verdade” (FLUSSER, 1984, s/p).

É do ponto de vista do monstruoso, portanto, que Flusser descreve a experiência do exilado, bem como a sua própria experiência enquanto migrante europeu no Brasil. No livro *Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem* (1998), redigido assim que retorna à Europa, Flusser adverte que o modelo europeu e norte-americano estava comprovadamente fracassado, e que caberia ao Brasil inventar sínteses de conhecimento originais⁵, pois caso insistisse com o academicismo caricatural e enciclopédico, imitado inautenticamente dos países ditos “desenvolvidos”, incorreria em pecado capital. Para Flusser, o suposto atraso brasileiro (a-historicidade), e a conseqüente necessidade de progresso, não deveriam gerar programas desenvolvimentistas, mas metas de progresso de limitado alcance, já que a experiência no “primeiro mundo” apontava para o malogro do cumprimento do progresso. “É neste sentido que a dialética da imigração se torna patente: o imigrante é para o Brasil um mensageiro de modelos europeus, mas um mensageiro negativo. Em outras palavras: imigrante e embaixador são opostos” (FLUSSER, 1971, s/p).

Ao contrário dos escritores geralmente tomados como plurilíngues, Flusser não apenas escrevia em múltiplas línguas. Parte

4 Em ensaio que tem por protagonistas Flusser e Anatol Rosenfeld, Márcio Seligman-Silva observa que o estrangeiro, ou exilado, acaba por romper a santidade da pátria e dos patriotas. “Ele (exilado) é o profanador, e nesse passo Flusser recorre novamente à teoria do sacrifício. O estrangeiro profana o sagrado, ele mesmo é, por vezes, sacralizado e sacrificado” (SELIGMAN-SILVA, 2010, p. 76). Do mesmo autor, e para uma aproximação entre nomadismo (viajar, *fahren*) e fazer experiência (correr perigo, *erfahren*), ver “As utopias de Flusser” (2013).

5 Entre essas sínteses, Flusser se empolga, num primeiro momento, com a poesia concreta. Ao lado de Anatol Rosenfeld, chegou a traduzir parte das *Galáxias*, de Haroldo de Campos, para uma revista alemã. Flusser também era admirador e amigo próximo de João Guimarães Rosa. Tanto Campos quanto Rosa foram frequentadores assíduos do famoso terraço da casa de Flusser em São Paulo, durante a década de 1960. Em sua autobiografia supracitada, *Bodenlos*, Flusser dedica um capítulo a Haroldo, e outro a Guimarães.

essencial da sua produção consistia na retradução do mesmo texto em várias línguas, partindo de uma língua até voltar a essa mesma língua, ou realizando uma espécie de passeio pelas línguas até encontrar aquela que julgasse a mais conveniente para o momento ou para a exposição de determinado argumento.

Conhecedor de inúmeros idiomas, Flusser considerava quatro deles, em particular, como “familiares”: português, alemão, inglês e francês⁶. Diferentemente de Derrida, que admitia que mesmo a contragosto habituou-se a se expressar em francês culto, Flusser nunca elegeu uma língua como sendo a sua preferida. A que deveria ser a língua materna, o tcheco, ele sempre evitou, tendo publicado pouco ou quase nada no idioma mais utilizado em seu local de nascimento. O gesto era proposital. Ele queria ver-se confrontado o tempo todo com a falta de fundamento, evitando o lugar comum das expressões já conhecidas e das articulações linguísticas dominadas com facilidade. O principal papel da “língua materna” era o de servir como fiel da balança quando desejava mostrar a multiplicidade das línguas e a relatividade das significações, já que as regras do tcheco destoam das convenções das línguas flexionais, como o português e o inglês.

Em ensaio que articula Flusser e Jorge Luis Borges, Pablo Gasparini afirma que o primeiro não se encaixa nas categorias nem de imigrante, nem de estrangeiro, sendo melhor definido pelo termo “apátrida”. Segundo Gasparini, Flusser figura-se como um tradutor que não apenas resiste a ajustar-se à língua de chegada, afetada pela língua de partida, como busca suscitar aberturas na própria língua de partida, “a revelação de seu mais recôndito segredo, através do libertador vislumbre de possibilidade induzido pelo instante benjaminianamente sagrado da tradução” (GASPARINI, 2010, p. 90).

Teoria da tradução

O primeiro livro publicado por Vilém Flusser, *Língua e Realidade* (1963), já esboça uma teoria da tradução. É natural, afinal, que a um migrante apátrida que recusou a “língua materna” e optou por articular-se em várias línguas a tradução desempenhe um papel

⁶ Esse plurilinguismo parece ter refletido na tradução de seus próprios trabalhos. O seu livro mais conhecido, *Filosofia da caixa preta* (1983), foi traduzido para cerca de 15 idiomas.

central. Neste trabalho, Flusser desfaz a ideia comum de que a língua deve descrever objetivamente a “realidade”. Desde as páginas iniciais, ele desconfia, e praticamente descarta, todo tipo de realidade que se arrogue extralinguística. Assim, não é que cada língua descreva a realidade de um modo peculiar, mas cada língua constitui, em si e por si, uma realidade.

Se a máxima de Derrida anuncia que não tenho mais do que uma língua, e essa língua nunca é a minha, a máxima de Flusser dá conta de que tantas são as realidades quantas forem as línguas articuláveis. A isso que escapa ao escopo da linguagem – a “realidade objetiva” ou o campo das sensações – Flusser dá o nome de “dados brutos” ou “palavras em *statunascendi*”. Esses dados brutos só se tornam “reais” na medida em que são realizados por uma dada língua, ou seja, articulados pela teia da linguagem. A existência de uma língua única seria a morte do pensamento.

Desta forma, todo pensamento, para ser articulado, deve passar pelo crivo das regras de uma determinada língua. Para Flusser, é por isso, por exemplo, que as teorias kantianas não devem ser investigadas longe das regras do alemão. Num de seus ensaios mais conhecidos, *Esperando por Kafka*, Flusser lê a experiência literária kafkiana tendo em vista o alemão impuro escolhido pelo escritor para publicar. Como cada língua constitui uma realidade, as diversas realidades nunca serão, portanto, completamente equiparáveis. Como advertem Flusser e Derrida, é esse elemento que torna a tradução impossível, mas ao mesmo tempo tão necessária⁷. A tradução é sempre aproximativa, mas, nem por isso, deve-se deixar de tentá-la.

Em *Para uma teoria da tradução* (1969), Flusser explica que dois textos são traduzíveis na medida em que as regras primárias e secundárias de suas respectivas línguas coincidam. Neste caso, nem sempre comum, o trabalho mostra-se possível e mesmo facilitado, podendo o tradutor recorrer ao esforço de conversão considerado mais improdutivo por Flusser, o da tradução literal, que apela somente aos aspectos denotativos da língua. Segundo Flusser, traduções

⁷ Em “Da tradução (e da morte)”, ensaio de 1962, Flusser apela à etimologia. Traduzir, em alemão, é *Übersetzen*, que ele converte em “saltar para outra margem”. Traduzir, em tcheco, é *Překládat*, que ele converte em “recompor uma pilha de tábuas que ruiu”. Em ambos os casos, a tradução se mostra uma tarefa penosa, um saltar por sobre o abismo. Voltaremos a isso adiante.

interessantes são as que jogam com os aspectos conotativos, pois estes demandam criatividade e, acima de tudo, vivência do tradutor em ambas as línguas. Diferente é a situação quando, na ocasião da tradução de dois textos, suas línguas coincidam nas regras primárias, mas divirjam nas regras secundárias. Neste segundo caso, os textos podem não ser traduzíveis, mas se tornam “transferíveis”, que quer dizer manutenção de regras básicas e modificação de regras secundárias. Há ainda um terceiro caso, o da transferência indireta, que se dá quando as línguas dos dois textos em questão não se aproximam nem no âmbito das regras primárias nem no das secundárias. A solução do impasse, ou a possível tradução, exige que se recorra a uma terceira língua (metalíngua), uma espécie de mediadora, mas nem por isso neutra, que tratará de impulsionar o salto entre as duas línguas inicialmente incomunicantes⁸. “Uma teoria da tradução deve ser também uma teoria da transferência” (FLUSSER, 1969, s/p). A transferência se faz importante quando há a impossibilidade de uma tradução literal. E como traduções literais não existem, ou seja, por mais que os significados sejam similares, duas línguas diferentes sempre formarão duas realidades diferentes, os conceitos de tradução e transferência, em Flusser, caminham lado a lado. Estas três possibilidades de tradução – tradução, transferência e transferência indireta – reforçam a posição flusseriana de que o jogo tradutório não é objetivo nem subjetivo, mas intersubjetivo. A tradução demanda fé (confiança) no “enfoque” do tradutor. Cabe ao tradutor, por exemplo, escolher as melhores palavras quando se encontra no espaço do conotativo, bem como eleger a melhor metalíngua no caso da transferência indireta.

Foi dito que, no seu livro de estreia, Flusser abandona a ideia cartesiana de que o pensamento (*cogito*) deve adequar-se ao mundo objetivo (*res extensa*), crença que andou de braços dados com o avanço da ciência moderna. Sob esse ponto de vista, caberia à ciência lançar-se contra a natureza a fim de classificar e descrever o mundo, conduzindo os homens ao estado de bem-estar absoluto. Reside neste ponto a separação entre as ciências do espírito e as ciências da natureza. Mas a proposta flusseriana segue na contramão. As categorias e os esquemas que supostamente desvendamos no mundo, na verdade, expõem as

⁸ Vale lembrar que o monolinguismo de Derrida desacredita da existência de uma metalíngua. No entanto, Flusser recorre a este conceito na medida em que ajuda a resolver a suposta intraduzibilidade entre duas línguas.

categorias da própria língua em que o mundo foi articulado. A guinada da física contemporânea, que trouxe à baila abstrações como prótons, elétrons, íons etc., contribuiu, segundo Flusser, para revelar o aspecto ficcional até mesmo das ciências consideradas exatas. “De modo que não se trata, para mim, tanto de adequar a palavra à coisa, mas de adequar as várias palavras uma à outra para finalmente adequar tais adequações linguísticas às coisas” (FLUSSER, inédito, 1A⁹).

As coisas não estão lá fora, no mundo, mas enredadas no tecido da língua, ou das várias línguas em que aparecem articuladas. Flusser disse o mesmo, na sequência, sobre a realidade da fotografia, que não estaria no fotógrafo, no aparelho ou na taiga, mas na imagem. Conhecer uma coisa, para Flusser, não é descrevê-la objetivamente, mas deter-se atentamente nas estruturas das línguas. Em *Da tradução* (1968), Flusser expõe essa ideia didaticamente:

A teoria ingênua diz que ao traduzir recorro para a **realidade** [grifo do autor]. A nossa teoria diz que ao traduzir recorro a dicionários e gramáticas comparativas. A ‘realidade’ foi eliminada pela nossa teoria, e substituída por uma estrutura que transcende as duas línguas entre as quais a tradução é feita (FLUSSER, 1968, p. 79).

Posta nestes termos, a teoria da tradução de Flusser poderia incorrer no que Edward Said chama de *linguicity* (SAID, 1971) em ensaio da década de 1970, espécie de balanço crítico do então nascente estruturalismo francês. Para Said, pensar que a linguagem faz referência somente a ela mesma faria esquecer do mundo e, em razão disso, colocaria também a política de lado. É como se o curto-circuito da linguagem transformasse o homem num efeito discursivo, ignorando os conflitos diários que ocorrem no mundo. Mas esta não é a proposta de Flusser.

O tradutor, e mais ainda o tradutor migrante, nunca está em solo firme. O tradutor, ou o escritor plurilíngue, sabe que a realidade está atravessada pela língua e, na ausência de uma língua própria (materna), não encontra estabilidade em nenhuma realidade. O problema da tradução é o problema da liberdade. “O problema da tradução é pois

⁹ Essas marcações junto às referências dos artigos inéditos não se referem ao número da página, mas visam apenas a ajudar o leitor a identificar os textos na bibliografia. Os artigos inéditos não estão datados, mas foram escritos, possivelmente, todos na década de 1960.

o problema da transcendência, do abandono da prisão, do estar além de todos os modelos. Em outras palavras: é o problema da liberdade” (FLUSSER, 1968, p. 78). A tradução em Flusser não está separada da ontologia.

Tradução e estrutura

13

Talvez o estudo mais completo sobre a questão da tradução em Flusser seja o de Rainer Guldin, *Pensar entre línguas: a teoria da tradução em Vilém Flusser* (2010)¹⁰. Para Guldin, um dos méritos de Flusser – e que o torna atual – foi ter refletido sobre as implicações da tradução não somente em termos de crítica linguística e cultural, mas também em termos de teoria do conhecimento, “[...] e isso antes do desconstrucionismo e da proliferação de conceitos de tradução nos discursos argumentativos das Ciências Humanas e Sociais” (GULDIN, 2010, p. 11). O que Flusser teria visto, ou antevisto, ainda no princípio da década de 1960, foi que a argumentação da filosofia ocidental derivou da “sistematização das línguas para as linguagens da sistematização” (2010, p. 86). Toda tentativa de sistematização é um esforço de ajustar a língua, em sua relação com outras línguas, a um único sistema. O problema da sistematização é, portanto, um problema de tradução.

Na metade do século, ocorre o que alguns consideraram como a “virada estrutural”, ou seja, a atenção deixou um pouco de lado o pretense significado do discurso e se voltou para a estrutura em que esse discurso estava assentado. Derrida reputou esse processo como um jogo de significantes que passam a circundarao redor de um centro esvaziado – esta é a ideia fundamental do seu conhecido ensaio *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas* (1966). Já Michel Foucault (*A arqueologia do saber*, 1969) observou que neste período perdeu relevância “o que eu digo” e ganharam importância as circunstâncias (históricas, epistemológicas, discursivas etc.) que tornam possível que “eu diga isso que eu digo”.

Projetar o pensamento como um campo no qual se dá a sistematização das diversas línguas não faz do “eu poliglota” o

10 Há outro interessante livro sobre o assunto, de Cláudia Santana Martins, *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica* (2011), porém sem o mesmo aprofundamento teórico.

centro organizador, mas o “[...] lugar no qual esses mundos, reiterada e renovadamente, se interconectam, o palco no qual o jogo da traduzibilidade ocorre. O ‘eu’ não é um ‘o que’ porém um ‘como’” (GULDIN, 2010, p. 76). O tradutor é um saltador, um construtor de pontes instáveis. A ponte que serve para saltar de uma língua para outra desaba no exato momento do desembarque. Não há um caminho de volta reversível. Um texto, uma vez traduzido para outra língua, não será mais o mesmo texto. Mesmo que retraduzido para a “língua de origem”, esse retorno não se dará sem diferença. Além do mais, as pontes estão construídas sobre o nada, ou para usar uma palavra cara a Flusser, sobre o “inarticulável”. O escritor/tradutor/migrante sustenta-se no frágil movimento pendular entre as línguas. “O ativo saltar por cima do abismo, o traduzir tradutório, seria então um jogo com a morte, codificado de um modo ritual, obsessivo e consciente que configura um abrir-se para o nada” (GULDIN, 2010, p. 36).

Ao contrário do discurso científico, que avança rumo a uma meta, a conversação filosófica não tem destino final. Ela não progride. Consequentemente, toda tentativa de concluir ou de estabelecer um discurso de verdade está fadada ao fracasso. Na medida em que cada língua articula uma realidade diferente, “[...] o jogo da tradução revela a ficcionalidade de todos os discursos, ele permite um pular pendular libertador entre línguas e níveis linguísticos” (GULDIN, 2010, p. 101). Traduzir é um gesto de “metaestratégia” (p. 103), pois o tradutor, ao transcender modelos, encerra em si uma dúvida e abre uma alternativa de liberdade.

Situação-limite

Na passagem anterior falou-se, duas vezes, em transcendência. Mas, Flusser não se refere a Deus ou a alguma forma de além-mundo. O tradutor que é Flusser transcende os modelos disponíveis ao conhecimento no sentido de que pode pairar um pouco sobre cada uma das diversas línguas em que consegue se articular sem necessariamente fixar-se a nenhuma. Mas não se trata de um passeio de sobrevoos que permita desfrutar de vistas privilegiadas. O eu poliglota não se gaba de ocupar uma posição acima de tudo e de todos. Ele apenas usufrui da sua falta de fundamento e assim consegue provar a relatividade e a ficcionalidade de todo gesto discursivo. Ele aprendeu, desde muito

cedo, a desconfiar da própria língua e das verdades mais próximas. Aprendeu que é justamente das verdades articuladas em sua própria língua que ele mais deve desconfiar. “A tradução não é um suicídio intelectual, mas é uma transfiguração da morte do eu, pela qual o eu sai enriquecido” (FLUSSER, 1963, aula/inédito).

O eu monoglota tende a amar cegamente a língua materna e aqueles que a falam, tendendo a se sentir ameaçado quando o estrangeiro, vindo de outra parte, fala uma língua que ele não compreende. Para falar com Derrida, a hospitalidade costuma estar vedada àquele que não fala a nossa língua.

Viu-se, a partir de Rainer Guldin, que Flusser percebeu com clareza a mudança que se operou na epistemologia ocidental na metade do século XX, especialmente no espaço das chamadas Ciências Humanas. Para Flusser, é como se o problema da tradução fosse a contraparte não metafísica da procura pelo sentido e pelo significado. É como se um tipo de transcendência totalizadora – divina, da ciência, da história linear e progressista etc. – desse lugar a um tipo de transcendência imanente, ou, em termos de teoria da linguagem, estrutural:

Uma teoria da tradução urge. Faz parte da procura de sentido e significado que nos caracteriza. Este é o desafio lançado na segunda metade do século 20: sentido e sem sentido, significado e absurdo. Uma problemática religiosa. A segunda metade do século 20 retorna à religiosidade do lado formal, do lado da estrutura. Após quinhentos anos de férias coletivas volta o ocidente a engajar-se. Propelido para tanto pelo sem sentido e pela falta de significado. E uma teoria da tradução é uma peça indispensável na marcha de retorno. É pois neste contexto que deve ser formulada (FLUSSER, inédito, 1B).

Em outras palavras, Flusser afirma que o ocidente começou, na metade do século XX, a perceber que a realidade é linguística, deixando de lado o informe (deus) e se engajando no estudo do formal (da linguagem). A verdade, que se sabe relativa, não deve ser buscada fora da língua. Outra diferença entre o que acima se chamou de transcendência totalizadora e a transcendência experimentada pelo migrante/tradutor é que a segunda não afasta, e não tenta jogar para debaixo do tapete, o nãoabsoluto da morte. Flusser afirma que a tradução pode proporcionar uma espécie de jogo consciente com a

morte. Se a morte é, por princípio, o que não se pode conhecer, o jogo pendular entre as línguas permite tangenciar esse lugar da completa negatividade, esse nada inarticulado. “Como se vê, a tradução é como uma morte e um renascimento. Durante a tradução, transpomos não somente uma língua específica, mas toda língua, e penetramos, embora fugazmente, nas regiões do Nada inarticulado e inarticulável” (FLUSSER, inédito, 1C).

A tradução é um saltar por sobre o abismo do nada entre uma língua e outra. Mas, se por um lado a articulação linguística garante a comunicação e um suspiro de estabilidade, o saltar em si, o momento em que se dá a transposição de um idioma a outro é coberto de incerteza. Não há nada, ou só há o nada, por sob os pés do tradutor, e nenhuma realidade está assegurada. Esta dúvida que toma conta do tradutor no momento em que salta de uma língua, mas que ainda não aterrissou em outra é o que o permite experimentar, ainda que indiretamente e por alguns instantes, a morte.

O decisivo em Flusser é a postulação que a prática da tradução esvazia o “eu”. A afirmação de uma subjetividade é incompatível a quem se habitua à tradução e à retradução. Se, para o filósofo, o homem apenas se realiza ao se articular em alguma língua, a capacidade que tem o tradutor de se realizar em várias línguas o impede de afirmar-se integralmente. O eu poliglota é somente um nó no tecido da língua. Ou melhor, ele tem a condição de amarrar as diversas línguas que domina num ponto significativo. Mas esse ponto não é o do “eu pensante” e racional. O intelecto para Flusser é um campo no qual ocorrem pensamentos. O pensamento não é um “que”, mas um “como”. É um campo aberto no qual as diversas línguas travam relações. Não há um “eu” que pensa, um sujeito, pois os pensamentos articulados nada mais são do que língua articulada. É por isso, ainda, que a teoria da tradução de Flusser é também uma teoria do conhecimento. Ambas as teorias são “[...] uma pesquisa das regras que regem as diferentes camadas linguísticas, e das relações, semelhanças e diferenças entre essas regras” (FLUSSER, 1963, s/p).

É o tema da morte que autoriza Flusser a radicalizar, generalizando, o processo que envolve a tradução. O migrante vive numa situação-limite (*Grenzsituation*). Ele é *bodenlos*. Deixou para trás seu país natal, sua pretensa língua materna, seus laços afetivos, sua

zona de conforto. Caso queira sobreviver, ele precisa abrir-se ao outro, mas necessita que o outro também se abra. Não só o migrante perde, na presença do nativo, o que um dia considerou como seu fundamento, mas o autóctone também se sente, no contato com o estrangeiro, estranho dentro de sua própria casa (*umheimlich*). Na linha de Flusser, é possível estender a posição do migrante, ou a do tradutor, a toda humanidade, afinal ninguém pode afirmar com segurança, onde quer que esteja, que está em casa. “No fundo, o homem é ente que não pode morar, ente que viaja sempre. Viaja rumo à morte. Ente que é estrangeiro no mundo em toda parte e sempre. ‘Homo viator’” (FLUSSER, inédito, 1D).

Os familiarizados com a obra de Flusser sabem que, com o retorno à Europa, sua preocupação voltou-se em grande parte às imagens técnicas, embora nunca tenha deixado de pensar na linguagem e na tradução. De qualquer modo, seu maior temor era o de que o movimento de migração, do qual participa a humanidade, fosse em direção ao interior dos aparelhos, “[...] afim (*sic*) de deixar de morar e passar a funcionar circularmente” (FLUSSER, inédito, 1D).

Não se trata, aqui, de fazer esforços de futurologia. A pretensão deste ensaio foi a de expor a teoria desterrada de Flusser, que se pode dividir em três outras teorias: teoria da migração, teoria da tradução e teoria do conhecimento. Elas não se encontram hierarquizadas. Não há anterioridade entre elas, pois caminham sempre de mãos dadas. É como se alguém que aleatoriamente resolvesse puxar um desses nós acabasse por puxar os outros dois. Flusser não é um escritor plurilíngue e tem por método de trabalho a retradução porque foi um migrante. Nem foi migrante porque apreciava se articular em várias línguas. Em Flusser não há anterioridade, acima de tudo, porque não há escolha. O gesto disparador foi passivo. Ele não cortou, mas teve os laços com o familiar (língua, cidade, país) cortados. O que ele tentou provar, depois, é que esses laços, que julgamos serem por nós cortados ou que violentamente alguém ou algum Estado acaba por cortar são, na verdade, laços artificiais. Nunca *nossos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. *El monolingüismo del otro, o la prótesis de origen*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial, 1997. Edición digital de Derrida encastellano.

_____. *Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar Da Hospitalidade/Jacques Derrida [Entrevistado]*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: _____. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 229-249.

FLUSSER, Vilém. *A história do diabo*. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem*. Org. Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

_____. Habitar a casa na apatridade. In: _____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 219-234.

_____. Para uma fenomenologia da imigração. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, abr. 1971.

_____. Para uma teoria da tradução. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, jan. 1969.

_____. Da tradução. *Cadernos Brasileiros*, São Paulo, p. 74-81, out. 1968.

_____. Teoria da tradução como teoria do conhecimento. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, jan. 1963.

_____. Da tradução (e da morte). *O'Estado de São Paulo*, 26 maio 1962.

_____. Entre apátridas e patriotas. *O'Estado de São Paulo*, 14 dez. 1962.

_____. Exílio e criatividade. *Viagem Brasileira*, nov. 1984.

_____. Esperando por Kafka. _____. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 69-82.

_____. *Da tradução: alguns problemas*. Inédito (1C). Disponível em: <www.flusserbrasil.com>. Acesso em: 18 jan. 2016.

_____. *Da migração dos povos*. Inédito (1D). Disponível em: <www.flusserbrasil.com>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. *Problemas da tradução*. Inédito (1B). Disponível em: <www.flusserbrasil.com>. Acesso em: 28 jan. 2016.

_____. *Retradução enquanto método de trabalho*. Inédito (1A). Disponível em: <www.flusserbrasil.com>. Acesso em: 30 jan. 2016.

_____. *A tradução como conhecimento*. Aula no Instituto Brasileiro de Filosofia. Inédito. São Paulo, 1963. Disponível em: <www.flusserbrasil.com>. Acesso em: 04 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GASPARINI, Pablo. Sobre a apatridade da escrita: Flusser/Borges em perspectiva. In: JARDELINO, Murilo (org.). *A festa da língua*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010. p. 85-91.

GULDIN, Rainer. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução em Vilém Flusser*. Trad. Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Annablume, 2010.

MARTINS, Cláudia Santana. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2011.

SAID, W. Edward. *Abecedarium Culturae: structuralism, absence, writing*. *TriQuartely*(Northwestern University), Illinois, n. 20, p. 33-71, 1971.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Para uma filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser: sobre as vantagens de não se ter uma pátria. In: JARDELINO, Murilo (org.). *A festa da língua*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010. p. 63-84.

_____. As utopias de Flusser. *FlusserStudies*, n. 15, maio 2013. Disponível em: <www.flusserstudies.net>. Acesso em: 25 fev. 2016.